

O TIL

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.

PUBLICAÇÃO DA TARDE.

N. 20 }

1875.

{ ANNO I.

LITTERATURA.

DA INSTRUÇÃO EM RELAÇÃO AOS DEVERES DO HOMEM.

Continuação.

Com tudo, o aperfeiçoamento do systema d'instrução encontra sempre impugnadores, não somente em relação á politica, porem, o que é ainda mais para admirar, pelo lado litterario. Não falta quem repita, com ar de sentimento, esta especie de adagio: *só se sabe bem o que custa a aprender.* Se este principio é exacto, dizia certo homem illustrado, não ha a menor duvida de que os peiores mestres são os melhores: — è indubitavelmente certo que sem attenção nada póde saber-se, ou adquirir-se pelo lado dos conhecimentos humanos. São bons methodos os que despertam a attenção dos dicipulos, e que não accrescentam ás difficuldades, inherentes á natureza dos estudos, os embaraços provenientes da ignorancia e inhabilidade dos pedantes. E' mister que haja methodos para todo o genero de applicação. — N'um seculo em que as artes tem feito incalculaveis progressos, e em que nas manufacturas e fabricas se conhecem quotidianos me-

lhoramentos, deveremos acaso guiar a arte de instruir e educar os homens por um trilho tortuoso? O que tudo isto desgraçadamente prova è que os pais curam mais de procurar riquezas, do que de educar e moralisar os filhos.

Quanto se não tem delirado nestes ultimos tempos ácerca dos systema elementares? — Pronunciar sentença antes de examiuar as provas, è usansa velha dos partidos. O ensino mútuo, ao principio tão exaggeradamente louvado, está agora condemnado a uma especie de proscricção. Os erros do dos partidos causaram não pequenos males e dissabores, e por isso bom é notar os que trazem a marca do ridiculo. No tempo da guerra entre Inglaterra e a America, contestaram os inglezes a importancia das excellentes descobertas de Franklin sobre a electricidade; e uma especie de charlatão se encarregou de provar publicamente em Londres, que os conductores de ponta não attrahiam o raio. Sendo ainda mais do que tudo curioso, o haverem-se tirado os conductores que havia n'um dos palacios reaes, só por serem invento de Franklin, então muito odiado em Inglaterra.

Continúa.

POESIAS.

A' memoria

DO INNOCENTE ANACLETO LUIZ DE SAL-
DANIA.—A' SEUS PAES.

Foste illudido por Deus
para subires aos ceus,
deixares o meigo lar ;
éras a flôr da manhã
teus sonhos foram em vã,
na juventude a brilhar.

Do céu então Deus mandou
os anjos que te levou,
para o descanso celeste ;
de nada serviram prantos
dos corações puros e santos,
quando á Deus tu'alma deste.

Eras o lirio mimoso
teu coração amoroso,
foi confundir-se na terra ;
no coração de teus paes
onde a saudade em jaes,
a dór cruenta se encerra.

E no correr desses dias
nem jamais soffrer podias,
a febre que te abrazou ;
deixaste o teu berço amado
cumpriste o dever sagrado,
quando a morte Deus mandou.

Morreste então sorrindo
e tua alma subindo,
á esse descanso eterno ;
foste pouzar lá nos céus
te juntaste ao nosso Deus,
esqueceste o lar paterno.

Eras tão joven, infante
de teus amigos amante,
de teus paes éras querido ;
e hoje estaes lá coitado
à essa pedra recostado,
onde jaz tudo perdido.

Então o romper da aurora
mostrou-te, pois, essa hora,
da existencia finda . . .

estendeste as mãos aos ceus
p'ra onde chamou-te Deus,
entre os anjos repouzar.

Oh ! mundo ! mundo ! illusão !
essa alegria e brazão,
de nada pois então val ;
foste encosolar-te na pedra
onde o cypreste então medra,
e a saudade maternal ! . . .

Hoje teus paes que chorem
o teu sepulchro que doem,
com o pranto derramado ;
que chorem ao teu abrigo
o teu eterno jazigo,
onde estaes já repouzado.

Foste illudido por Deus
para subires aos ceus,
deixares o meigo lar ;
éras a flôr da manhã
teus sonhos foram em va,
na juventude a brilhar.

Desterro, Fevereiro, 27,—75.

SANTOS NEVES

Recordações e saudades.

Inda hontem me alegrava
De prazeres se emendava
O meu pobre coração !...
Bem faguciro elle sorria
Nem ao menos presentia
Tão cruel separação ?...

Vivia sempre a teu lado
Oh ! que viver encantado
Eu sò passava com tigo !...
Os conselhos escutando
Que me davas suspirando
O teu doce peito amigo.

Mais veio a sorte tyranna
De nosso amor deshumano,
Os bellos dias tirar ?
De teu ente a quem amavas

De teu bem a quem choravas
O teu anjo tutelar ?...

Desapareceu a alegria
Desencantou-se a magia.
Do nosso bello viver !...
Nossos sonhos de venturas
De teu anjo as escuras
Forão triste se esconder !

Quando terei a ventura
De em meus braços com ternura
Docemente te estreitar !...
E de ver depois d'unidas
Nossas almas commovidas
Se emanarem no gozar.

Silva Conrado.

Eu amo teus rizos.

Eu amo teus rizos tão cheio de graça,
Tão lindos donzella, tão cheios de amor;
Q' encantão minh'alma com tantos afagos,
Parecem-me virgem do prado uma flor.

Eu amo teus rizos, que são innocentes,
Tão ricos de gloria, tão cheios de fê;
Q' exprimem prazeres com tanta doçura,
Eu creio donzella que engano não é.

Eu amo teus rizos gentis e sereno,
Quem pôde, donzella, deixar de os amar;
Quem vio-te sorrindo, qual zephiro brando,
Quem vio-te travessa, sozinha a brincar !

Eu amo teus rizos de amor e ternura,
São puros espelhos da lua ao clarão;
Gozava prazeres, ternuras, affectos,
Se desses-me um rizo de amor e paixão.

Eu amo teus rizos, donzella formosa,
Por serem singellos de amor e candura;
Medavas oh ! virgem, mil hymnos de flores
Se acazo te visse sorrir com doçura.

Eu amo teus rizos, gentil feiticeira,
Pois só um teu rizo me pode salvar;
Não deixes oh ! anjo, de rir-te p'ra mim,
Pois quero contigo a vida findar.

Desterro—Fevereiro de 1875.

A. CARLOS.

A' inconsolavel perda do meu sincero amigo—José Al- ves da Silva Simas.

Falleceu e sepultou-se no dia 13 do
corrente o meu presadissimo amigo José
A. da Silva Simas, victima de camaras
de sangue.

Joven ainda, (pois contava 20 annos
incompletos), coberto das maiores virtu-
des, filho estremo, honesto, cheio de
esperanças futuras, de um genio docil,
em geral estimado por todos que o co-
nhecião; foi elle accometido de tal en-
fermidade, que depois de oito dias de
soffrimentos sem allivio o levava a sepul-
tura, deixando seus paes inconsolaveis.

Sempre risonho, incapaz de offender
a alguem, ja pela sua educação, ja pelo
seu genio inalteravel; deixou no coração
dos seus amigos e no seio da sociedade
Catharinense a saudosa recordação do
seu passado.

Tão cheio de vida não era de esperar,
que estivesse tão prestes sua hora fatal.

Mais outra perda lastimavel na mes-
ma familia, á Exma. Sra. D. Adelaide
da Silva Simas, tambem victima da mes-
ma enfermidade.

Tão amavel, tão joven, tão prendada,
dotada de sentimentos tão nobres; veio
reuascer o pranto a consternação, dei-
xando o mundo e voando a eternidade
Seu passamento foi geralmente sen-
tidos.

Permitta Deus que, não tenhamos de
lastimar perdas iguaes á estas.

Sobre suas sepulturas derramarei uma
lagrima de pezar e de saudade.

Sejão suas almas acceitas na Mansão
A' seus inconsolaveis paes meus sin-
ceros pezames.

A terra lhes seja leve !...

23—Fevereiro—75.

H. J. DA SILVA.

VARIEDADE

O Suicida.

(Conclusão.)

« Amei-a, sincera e pura.
 « Amo-a, ingrata e fementida.
 « Ama-se uma mulher, mas o coração
 d'esta elege outro amante.
 « E' um facto que se reproduz todos os
 dias, mas que leva a morte ao desprezado.
 « E eu tanto te amava...
 « E ainda te amo!
 « Vês ? já o meu pranto não corre... é por-
 que secca-o o ardor das faces.
 « Pois se tanto hei chorado !
 « Ouves ? ... é o vento que assobia lugu-
 bremente, perturbando o silencio da noute,
 e corre por entre as arvoras, não è ?
 « Assim minh'alma impetuosa, te procura
 debalde.
 « E na minha solidão, meu unico compa-
 nheiro, o mocho que no seu infernal garga-
 lhar me convida a renegar fé, crenças, amor.
 « Ave da noute ! companheira das trevas !
 ri-te, zomba que também riu-se ella de me-
 us santos protestos !
 « Dei-te, mulher, as mais puras flôres de
 minha alma, que mais poderia eu dar-te ?
 « A vida ?
 « Não era ella já tua ?
 « Mas... antes a morte ?
 « Antevejo uma visão branea como a ne-
 ve e que me covida ao descalso.
 « E' o meu anjo da guarda que me chama.
 « Maldição ! o anjo tem seu rosto, a mes-
 ma physionomia, o mesmo olhar !
 « O anjo que me chama è ella...
 « Não... è o anjo dos tumulos.
 « Basta encostar sobre a fronte o frio cano
 d'esta arma homicida, e Deus ou Satan de
 minh'alma se apoderará !
 « Vamos... a morte me convida.
 « Minha mãe...

 « E' no ultimo momento da vida, perdão-
 te, mulher... adeus... »
 Um grito, depois da denotação, apenas
 se ouviu.
 A lua occultou-se por entre as nuvens.
 A coruja bateu as azas e gargalhou ainda
 uma vez.
 O infeliz jazia estirado sobre um mar de
 sangue, a seu lado via-se uma flôr murcha.

No dia seguinte vieram os homens e le-
 varam o cadaver para o monturo, negando-
 lhe a sepultura no terreno sagrado.

Depois do que não se fallou mais do des-
 graçado que não pôde sobreviver à traição
 de sua amante, que jurando-lhe muito a-
 mor, esquecerá-o por... por uma cousa bem
 simples.

Porque tinha pressa de casar-se.

Logogripho

A primeira com a segunda

Uma medida tereis ;

A quarta com a terceira

Poezia encontrareis.

A segunda, quarta e quinta

Não pode dezagradar ;

E na quarta com a quinta

Trabalhos deve encontrar.

A sexta, quarta e quinta

Muito claro deve ser ;

E a quinta repetida

Agradavel deve ser.

—Conceito—

Sentido caro leitor,

Pois sem elle o confundo ;

Achar-me-has procurando

Com as couzas d'este muado.

A. Cavalcanti.

Logogripho

A primeira e a segunda

Dão uma preposição,

A terceira com a decima

Bem feio nome ihe dão.

A quinta, sexta e decima

Nos rios devem encontrar

E a nona com a setima

Muito corre sem cançar.

Da oitava com a quarta

Se as vogaes enverter

Affirmo caro leitor

Que velha não pode ser.

Conceito

Gosto muito de socego

Evito qualquer questão

Quero tudo pela paz

Não quero revolução.

O despatriado.

 Typographia do **Conservador**